

Memória e silêncio: (inter) discursos de licenciandos brasileiros em Letras sobre o *cacerolazo* argentino e o panelaço brasileiro

Priscila MARINHO¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
| psmarinho9@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6079-6336>

Resumo: Este artigo discorre acerca dos modos de interação de licenciandos brasileiros de Espanhol/Língua Estrangeira com reportagens jornalísticas sobre as manifestações referentes ao *cacerolazo* argentino e ao panelaço brasileiro a partir da Análise de discurso pecheutiana. Para tanto, acompanhamos aulas de uma determinada turma de Licenciatura da graduação em Letras de uma dada instituição pública superior do Rio de Janeiro. Naquele ambiente de formação docente, desenvolvemos nossa proposta de atividade comparativa, que consistiu em solicitar aos graduandos que realizassem produções escritas comparando discursivamente reportagens em português brasileiro e em espanhol argentino acerca dos eventos sociopolíticos mencionados. Pretendemos analisar, através de uma perspectiva comparada, os modos de enunciar de licenciandos brasileiros em discursividades relativas ao Português/Língua Materna e ao Espanhol/Língua Estrangeira considerando o contexto sociopolítico do Brasil e da Argentina no tocante às manifestações supracitadas. Para tanto, partimos dos seguintes questionamentos: (1) De que maneira os sujeitos dialogam com as dimensões relativas ao intradiscurso e ao interdiscurso nos textos em língua materna e em língua estrangeira? (2) A quais formações discursivas os sujeitos se inscrevem que conduzem, desse modo, seus gestos de escrita a determinados efeitos de sentido(s)? Nossa análise revelou posturas discentes registradas em suas escritas que dão corpo a certas regularidades, dentre as quais destacamos: “o *cacerolazo* argentino é mais pacífico e mais organizado”, enquanto “o panelaço brasileiro é mais agitado”. Em suma, foram criados efeitos de sentidos que filiam a reportagem argentina a uma ideia de neutralidade, enquanto a brasileira é entendida como mais tendenciosa. Percebemos que tais regularidades enunciativas encetam certas evidências discursivas na relação do sujeito com a língua estrangeira que conduzem ao reforço de estereótipos no universo da LE permanecendo como uma língua do outro, artificial e distante.

Palavras-chave: Estudos de comparatividade discursiva. Formação docente. Relações entre língua materna e língua estrangeira.

Memory and Silence: (Inter)discourses of Brazilian Licentiate Students in Language Regarding the Argentine *Cacerolazo* and Brazilian *Panelaço*

Abstract: This paper discusses the ways in which Brazilian Licentiate students of Spanish as a Foreign Language interact with journalistic reports on manifestations related to the Argentine *cacerolazo* and the Brazilian *panelaço*, based on Pecheutian discourse analysis. To this end, we attended classes of a specific Licentiate group in Language from a particular public institution of Higher Education located in the State of Rio de Janeiro. In that teacher training environment, we developed our proposal for a comparative activity, which consisted of asking Licentiate students to produce written comparisons of reports in Brazilian Portuguese and Argentine Spanish about the aforementioned socio-political manifestations. We intend to analyze, through a comparative perspective, the enunciative strategies of Brazilian Licentiate students in discourses related to Portuguese (Native Language) and Spanish (Foreign Language), considering the sociopolitical context of Brazil and Argentina regarding these manifestations. To this end, we begin with the following questions: (1) How do the subjects engage with the dimensions related to intradiscourse and interdiscourse in texts in their native language and in a foreign language? (2) To which discursive formations do the subjects subscribe that, in this way, guide their writing gestures toward certain meaning effect(s)? Our analysis revealed student positions through their writings that embody certain regularities, among which we highlight: “the Argentine *cacerolazo* is more peaceful and more organized”, while “the Brazilian *panelaço* is more agitated”. In short, meaning effects were created that link the Argentine report to an idea of neutrality, while the Brazilian one is understood as more biased. We realize that such enunciative regularities establish certain discursive evidences in the subject’s relationship with the foreign language, leading to the reinforcement of stereotypes in the FL universe, where it remains a language of the other—artificial and distant.

Keywords: Discursive comparative studies. Teacher training. Relationships between native language and foreign language.

| Introdução

Este artigo tem por escopo refletir sobre modos de interação de licenciandos brasileiros de Espanhol/Língua Estrangeira (E/LE) com reportagens jornalísticas

geradas nos contextos sociopolíticos concernentes ao *cacerolazo* argentino (2013) e ao *panelaço* brasileiro (2015)². Interessa-nos, deste modo, analisar os discursos produzidos por tais sujeitos mediante a leitura e interpretação das materialidades linguístico-enunciativas em ambas as línguas. Trabalharemos assim com fragmentos de produções escritas mediante sequências discursivas que foram realizadas a partir da comparação de reportagens em português brasileiro e em espanhol argentino tomando o contexto das manifestações populares contemporâneas vivenciadas em cada país.

Partindo de um arcabouço teórico-metodológico fundamentado na análise do discurso de extração pecheutiana, pretendemos examinar, por meio do cotejo das materialidades linguístico-enunciativas, as formações discursivas (Foucault, 2014 [1969]; Orlandi, 2000) que perpassam tais sujeitos e que conduzem seus gestos de escrita a determinados efeitos de sentido(s). Tais gestos de escrita desvelam posturas crítico-reflexivas dos sujeitos enquanto (futuros) professores de Espanhol/Língua Estrangeira, uma vez que nossa análise também reflete acerca da formação docente. Analisar os discursos produzidos pelos licenciandos é uma maneira de se interpretar as representações, imaginários, ideologias e sentidos que são (re)postos em jogo através de marcas e implícitos, do dito e do não dito, apreendendo-se regularidades no funcionamento desses discursos, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada. Sendo assim, os questionamentos que direcionam nossa análise são: (1) De que maneira os sujeitos dialogam com as dimensões relativas ao intradiscurso e ao interdiscurso nos textos em língua materna e em língua estrangeira?; (2) A quais formações discursivas os sujeitos se inscrevem que conduzem, desse modo, seus gestos de escrita a determinados efeitos de sentido(s)?

Portanto, nosso artigo está composto da seguinte maneira: na próxima seção debateremos o quadro teórico-metodológico embasado em pressupostos advindos da análise de discurso de linha francesa. Neste ângulo, discutiremos algumas noções relevantes, a saber, formações discursivas, memória discursiva, intradiscurso e interdiscurso, além da abordagem de certos postulados derivados do pensamento lacaniano no âmbito da psicanálise. Em seguida, teceremos

2 Prática discursiva é uma noção cultivada pela AD pecheutiana, advinda do pensamento foucaultiano, que pensa as relações de poder a partir do enlaçamento entre discurso, história e sociedade. Em seus deslizamentos teórico-metodológicos, o pensamento pecheutiano, contudo, distancia-se do foucaultiano, ao contemplar o primado da luta de classes em sua reflexão acerca da dimensão histórica da discursividade (cf. Gregolin, 2003). Sendo assim, entendemos o *cacerolazo* e o *panelaço* como práticas discursivas historicamente imiscuídas à memória da Argentina e do Brasil que se configuram como uma forma de mobilização cuja *performance* consiste no ato de bater panelas pública e coletivamente. Para um debate mais desenvolvido acerca do cotejo entre tais práticas discursivas em suas performatizações contemporâneas, cf. Andrade e Marinho (2020) e Marinho (2021).

considerações acerca dos pressupostos e procedimentos metodológicos com vistas à contextualização dos sujeitos investigados no ambiente de formação docente. Ainda nessa seção também nos dedicaremos a justificar o deslocamento de tais práticas contemporâneas, referentes ao *cacerolazo* e ao *panelaço*, para o âmbito de formação inicial de professores. Por fim, passaremos às análises discursivas, examinando trechos de redações realizadas pelos licenciandos no tocante à proposta de atividade comparativa entre ambas as materialidades linguístico-discursivas. Nas considerações finais, levantaremos eventuais questionamentos, bem como reflexões acerca dos rumos descortinados.

| Teoria do discurso

A teoria do discurso elaborada por Michel Pêcheux – reconhecida mediante os enunciados “análise de discurso (de linha) francesa”, “análise de discurso pecheutiana”, “análise de discurso materialista” ou simplesmente “AD” – se assenta majoritariamente no campo dos estudos acadêmico-científicos do Brasil a partir da leitura *deslizante* desenvolvida por Eni Orlandi (cf. Orlandi, 2000). Pensar uma análise discursiva significa entendê-la enquanto prática inscrita na história. Logo, a produção discursiva remete a uma determinada época, ou seja, o discurso está pautado a partir de condições de dizibilidade que são reguladas por suas conjunturas sócio-históricas. Ao transcender disciplinas, a AD convoca à reflexão postulados epistemológicos derivados de distintas áreas do conhecimento – o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística – deslocando-os continuamente e produzindo novas leituras acerca da relação entre a história, o sujeito e o discurso³. Cabe ressaltar que uma abordagem discursiva se ocupa da noção de “materialidade” em lugar do convencional par “forma-conteúdo”. Abordar a definição de materialidade consiste em concebê-la como linguístico-histórica, visto que é contemplada enquanto um acontecimento da língua em um sujeito perpassado pela história.

Duas concepções substanciais neste quadro teórico dizem respeito ao intra e interdiscurso, isto é, o nível da formulação enunciativa e o nível da constituição discursiva. O interdiscurso remete ao saber discursivo que possibilita o dizível e que retorna sob a forma de (enunciados) pré-construídos e já-ditos. Sendo assim, o interdiscurso comporta-se como uma dimensão que oferta dizeres

3 É neste sentido que, desde uma perspectiva discursiva, justificamos a mobilização de estudos desenvolvidos por Silvana Serrani no âmbito da Linguística Aplicada a fim de refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas, bem como os estudos de comparatividade discursiva entre língua materna e língua estrangeira. A transdisciplinaridade, enquanto propriedade da AD, alude à sua constituição em posição de “entremeio” (cf. Orlandi, 2000, 2012; Mariani, 2016) conjugando e reinterpretando pressupostos advindos de diferentes campos epistemológicos.

que atravessam o sujeito em uma dada situação enunciativa. Tal dimensão concernente ao interdiscurso pode ser associada também à noção de memória discursiva. Diferentemente de uma ótica que a presuma como sinônimo de lembrança ou recordação psicológica, a concepção de memória deve ser entendida enquanto um âmbito movente em que se desencadeiam confrontos, deslocamentos, contradições bem como regularidades e estabilidades. Neste aspecto, memória compreende uma região do interdiscurso.

Se o nível do interdiscurso corresponde ao já-dito, o intradiscursivo, por sua vez, alude ao que está se dizendo, ou seja, àquilo que estamos dizendo em um momento definido. Sendo assim, o intradiscursivo configura-se como o nível da formulação enunciativa, ou seja, refere-se aos dizeres que estão sendo efetivamente formulados em condições sócio-históricas determinadas. Esses dizeres materializados (intradiscursivo) em um dado contexto são atravessados pelo nível da constituição discursiva, isto é, o interdiscurso que, assim, disponibiliza as condições do dizível, reguladas sócio historicamente. Em suma, os efeitos de sentidos, em uma perspectiva discursiva, são resultados do cruzamento entre a dimensão do intradiscursivo (eixo da atualidade/formulação) e a dimensão do interdiscursivo (eixo da memória/constituição). Já as formações discursivas oportunizam a compreensão acerca do processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia, uma vez que ensejam o estabelecimento de regularidades enunciativas no funcionamento do discurso. Deste modo, podemos definir as formações discursivas, noção tão cara à AD, herdada do pensamento foucaultiano epropriada pelo pensamento pecheutiano, como aquilo que, numa formação ideológica dada, estipula o que pode (ou não) ser dito.

No desenvolvimento da epistemologia da AD, as contribuições de Lacan na psicanálise também perpassam constitutivamente a teoria pecheutiana. Para pensar o sujeito, mobilizamos o conceito lacaniano de identificação, uma vez que, a partir dessa noção, entendemos o processo de inscrição dos sujeitos de pesquisa nas discursividades da língua-alvo (Espanhol/Língua Estrangeira) e da docência, visto que estão se licenciando para atuarem como professores de línguas. Pensando discursivamente os conceitos de identificação simbólica e imaginária no âmbito do ensino/aprendizagem de línguas (cf. Serrani, 1997; Celada; Payer, 2016), entendemos que a identificação imaginária propicia a produção de idealizações, estereótipos e imaginários do sujeito da enunciação – leia-se “sujeito” como posição discursiva – em relação ao funcionamento de uma língua, não possibilitando necessariamente a identificação simbólica.

A identificação simbólica, por sua vez, sinaliza a inscrição do sujeito na ordem da língua, indicando seu assujeitamento, que podemos entender como a submissão do sujeito ao funcionamento de uma língua para desta ser sujeito. Desta forma, na identificação simbólica, “o falante se enuncia como sujeito da língua, conseguindo (se) dizer [...] inclusive, será objeto de deslizes, de atos falhos e do equívoco” (Celada; Payer, 2016, p. 35). Desta maneira, os processos identificatórios dão pistas da complexidade que atravessa o processo de inscrição subjetiva nas discursividades de uma língua estrangeira. De acordo com a estudiosa de psicanálise Christine Revuz (1998), enunciar-se em uma outra língua possui implicações complexas para o sujeito da enunciação, visto que é requerida a produção de determinadas esferas existenciais na constituição da subjetividade na língua-alvo. Sendo assim, o sujeito deve mobilizar uma esfera referente à afirmação de um eu nesta nova língua, enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa. Além disso, deve mobilizar uma esfera pertinente à relação subjetiva com o saber discursivo, isto é, à dimensão da interdiscursividade.

| Pressupostos e procedimentos metodológicos

Nossa proposta metodológica está alicerçada tanto no estudo de caso qualitativo por meio da observação participante (André, 2013) quanto na pesquisa-ação crítico-colaborativa (Pimenta, 2005). A metodologia concernente ao estudo de caso qualitativo por meio da observação participante enfatiza um fenômeno particular, levando em consideração seus contextos e suas múltiplas dimensões. Promove-se, assim, uma valorização da análise situada e em profundidade. As abordagens qualitativas de pesquisa entendem o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos e suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados em sujeitos. Assim, a preocupação dos pesquisadores recai sobre o mundo do sujeito, os sentidos que ele atribui às experiências cotidianas, realçando-se, desse modo, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais.

Em Marli André (2013, p. 97), podemos visualizar três pressupostos básicos que orientam o estudo de caso qualitativo, a saber: (1) o conhecimento está em constante processo de construção; (2) o caso envolve uma multiplicidade de dimensões; (3) a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas. Ao se apresentarem de maneira mais contextualizada e concreta, os estudos de caso permitem um conhecimento que é diferente do produzido por outros tipos de pesquisa, uma vez que há uma ênfase na interpretação dos sujeitos investigados. Além disso, os estudos de caso que fazem uso de técnicas etnográficas de

observação participante possibilitam a reconstrução dos processos e das relações que configuram a experiência diária do espaço educacional pesquisado.

Além do estudo de caso, também nos guiamos pelos pressupostos da pesquisação crítico-colaborativa. Segundo Pimenta (2005), tal metodologia pressupõe a problematização da realidade encontrada, ao localizá-la em um contexto teórico mais amplo, com o fim de que se possibilite a ampliação da consciência dos envolvidos, a saber, pesquisadores universitários e docentes-pesquisadores, objetivando, com isso, um planejamento dos modos de transformação das ações dos sujeitos e das práticas institucionais.

No tocante à “colaboração”, esse método de estudo tem por finalidade promover no espaço educacional investigado uma cultura de análises das práticas realizadas, com o objetivo de que os profissionais envolvidos possam produzir modificações positivas em ações e nas práticas institucionais. Ademais, a pesquisa-ação colaborativa adquiriu o adjetivo de “crítica” graças à análise dos dados das pesquisas no campo teórico e nos contextos político-institucionais, de acordo com o pressuposto e o compromisso dos envolvidos de que a realização destas pesquisas investe na formação de qualidade de seus docentes, com vistas a possibilitar a transformação das práticas institucionais no sentido de que cumpram seu papel de democratização social e política da sociedade.

Neste sentido, guiando-nos por pressupostos de ambas as metodologias explicitadas, acompanhamos uma determinada turma de ensino superior de uma dada instituição pública federal situada no estado do Rio de Janeiro. Assim, nosso público investigado são licenciandos brasileiros (e futuros ou já atuantes docentes de E/LE) que se encontravam no final de graduação do curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol no segundo semestre de 2017, período em que acompanharmos a referida turma, bem como realizamos nossas intervenções. Observamos suas aulas na disciplina “Prática de Ensino de Português/Espanhol”, que é o momento em que os alunos assistem às aulas teóricas ao mesmo tempo em que desempenham atividades práticas através dos estágios obrigatórios. Nossa *corpus* foi gerado a partir de produções escritas. Cabe ressaltar que todos os sujeitos participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido⁴.

4 Sinalizamos que o termo de consentimento livre e esclarecido estabelece as condições de coleta de dados dos sujeitos investigados assegurando a desidentificação e o sigilo de suas identidades em consonância com os princípios éticos designados para a pesquisa científica (cf. Mainardes; Carvalho, 2019).

Além disso, podemos entender o exercício da “Prática de Ensino” – tal qual dito enunciado materializa – como o momento em que simultânea (e, poderíamos dizer, tensivamente) o sujeito é atravessado pelas discursividades da discência e da docência, ou seja, os graduandos participam de atividades relacionadas ao estágio curricular obrigatório em salas de aulas de instituições escolares da rede pública, concomitantemente à assistência da disciplina no espaço da universidade. Sendo assim, neste momento o processo de ressubjetivação mobiliza a interação do eu-aluno com o eu-professor, processo este não isento de contradições e tensões.

Com relação às produções escritas, estas se referem às redações comparativas que foram geradas a partir da atividade didática que aplicamos em tal turma. Com isso, assistimos às aulas dentro do período de dois semestres. Mais especificamente, nossa proposta de atividade didática se deu no formato de “aula de sensibilização”. Nossa propósito com isso foi promover uma sensibilização em relação aos discursos jornalísticos sobre o *cacerolazo* argentino e o panelaço brasileiro. A partir desta proposta, apresentamos comparações dos textos jornalísticos mencionados e ao final de nossa apresentação, ofertando um texto em espanhol e um em português, solicitamos aos alunos a realização de uma produção escrita comparando discursivamente cada reportagem. Por meio dessa atividade de produção escrita, buscamos observar os imaginários dos licenciandos, analisando seus discursos, bem como suas interações com os modos de enunciar dos textos jornalísticos em espanhol argentino e em português brasileiro.

No tocante ao perfil da turma em que se inseriam nossos sujeitos de pesquisa, o grupo era formado por 11 estudantes. Todos os 11 sujeitos são mulheres que à época da pesquisa de campo estavam na faixa etária jovem compreendida entre 21 e 26 anos. As licenciandas – de nacionalidade brasileira, naturais e residentes no estado do Rio de Janeiro – encontravam-se entre o 7º e o 8º períodos no momento de nossa investigação. É nesse ambiente de formação docente que desenvolvemos a composição de nosso *corpus*. Promovemos, assim, o deslocamento do contexto de manifestações contemporâneas (2013-2015) realizadas mediante práticas discursivas – como o *cacerolazo* argentino e o panelaço brasileiro – historicamente imiscuídas à memória argentina e à brasileira, para o campo de reflexões acerca da formação de professores de Espanhol Língua Estrangeira.

| Aula de sensibilização: deslocamento das práticas discursivas do cacerolazo e do panelaço para o âmbito da formação docente

Mediante os preceitos da pesquisa-ação crítico-colaborativa, ministramos, em consonância com o professor universitário responsável pela turma, em 14 de novembro de 2017, uma aula de sensibilização em relação aos discursos jornalísticos sobre o cacerolazo argentino e o panelaço brasileiro⁵, desenvolvendo, a partir dela, uma proposta de atividade comparativa, que consistia na realização de uma produção escrita. Para isso, exibimos uma apresentação de *slides* intitulada “Procedimentos de Análise Discursiva”, que ofertava algumas noções teórico-metodológicas ancoradas na Análise de Discurso de extração pecheutiana, através da abordagem do estudo *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (Orlandi, 2000).

Ao longo da exibição de *slides*, foram trabalhados conceitos basilares que as licenciandas já haviam abordado em trabalhos de análise discursiva realizados no semestre anterior, tais como formações discursivas, intradiscorso, interdiscorso e memória discursiva. A partir disso, disponibilizamos sequências de análise provenientes de textos jornalísticos que se inserem nas condições de produção dos discursos relativos ao cacerolazo argentino, em 2013, durante o governo kirchnerista e ao panelaço brasileiro, em 2015, durante o governo petista. Dentre as sequências de análise, comparamos discursivamente como o enunciado “democracia” assumia diferentes efeitos de sentido em cada contexto, filiando-se a distintas formações discursivas. Deste modo, o enunciado “manifestar-se”, na construção discursiva realizada pelo jornal argentino *La Nación*, conduzia a um sentido de “ir contra a democracia”, vinculada a uma fala de um dirigente sindical (Antonio Caló), alinhado ao governo kirchnerista. Assim, a fala do dirigente é atravessada pela formação discursiva que alude ao sufrágio universal, representado pelo voto direto, significando as manifestações como conservadoras, uma vez que “não respeitam a democracia”, que é representada pelo governo oficialista de Cristina Kirchner, já que a presidente foi eleita pelo voto popular. Já no jornal brasileiro *O Globo*, notamos um movimento discursivo distinto. O enunciado “manifestar-se” adquire um efeito de sentido de “democracia”, significada como “liberdade de expressão” e “liberdade para manifestar-se”, filiando-se à fala de Aécio Neves – então senador pelo PSDB e

5 Para ter conhecimento da discussão teórico-metodológica relativa às análises discursivas das reportagens jornalísticas enfocadas, cf. Marinho (2021). O acesso às reportagens através das quais as produções textuais foram geradas será disponibilizado mais adiante neste artigo.

principal líder político de oposição ao governo petista de Dilma Rousseff – que recriou, assim, as manifestações como “espontâneas e democráticas”.

Ao longo da exibição de *slides*, as alunas participaram ativamente, fazendo perguntas com relação aos conceitos. Neste aspecto, nosso intuito foi sensibilizar os sujeitos aos diferentes efeitos de sentido que a expressão “democracia”, por exemplo, pode adquirir, a depender das redes de formações discursivas e ideológicas que esteja vinculada. Ao fim da apresentação, distribuímos folhas com nossa proposta de análise comparativa dos discursos e as discentes realizaram produções escritas. A partir da exposição e discussão destes procedimentos de análise, concebemos nossa proposta de atividade comparativa. Desse modo, solicitamos as licenciandas que produzissem redações comparando uma reportagem do jornal *Clarín* com uma da *Folha de S. Paulo*. O texto do jornal argentino intitula-se *La Familia, la gran protagonista del cacerolazo en Olivos*, enquanto o do periódico brasileiro é chamado ‘*Sou negro, pobre e estou pedindo a saída da Dilma*’, diz manifestante⁶. Ambos os textos recriam as conjunturas em que se deram as manifestações populares ocorridas na Argentina, entre o último semestre de 2012 e o primeiro de 2013, durante o governo de Cristina Kirchner e no Brasil, durante o governo de Dilma Rousseff, entre o primeiro semestre de 2015.

Justificamos a escolha de referidos eventos sociopolíticos, que entendemos como práticas discursivas, em razão de estes estarem em plena efervescência, produzindo ecos discursivos no momento da elaboração de nosso projeto de pesquisa⁷. No primeiro semestre de 2016, época em que nosso projeto começou a ser gestado, o cenário sociopolítico brasileiro estava às margens da consumação do Golpe midiático-parlamentar, que resultou no processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, iniciado em 2015 e efetuado em agosto de 2016.

Ao longo do processo, ocorreram diversos protestos de ruas na forma de panelações, além do episódio particular que ocorreu durante um pronunciamento em cadeia nacional da então presidenta, em que houve panelações das sacadas dos prédios. Concomitantemente, nossa memória nos permitiu resgatar, por

⁶ Confira as duas reportagens mencionadas <https://drive.google.com/file/d/1NLnJ65PL2IcmQ66tcD0jQ1RW9dLcyYPh/view?usp=sharing>, <https://drive.google.com/file/d/1TOmOk9dP58X4AhdBoSms7k8h6uC7hwyZ/view?usp=sharing>.

⁷ O *corpus* mobilizado neste artigo é oriundo de minha pesquisa de doutorado, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN) da UFRJ e financiada pelo CNPq. Tal investigação teve início em 2017 e foi defendida em 2021. O presente artigo reflete uma reinterpretação e atualização do *corpus* gerado.

meio da mídia jornalística, eventos aparentemente homônimos (os *cacerolazos*) que haviam ocorrido entre 2012 e 2013 com nossos vizinhos argentinos, durante o governo de Cristina Kirchner. Diante disso, começamos a coletar, movidos de uma forte curiosidade, bem como fomentados pelos acontecimentos à época, diversas reportagens jornalísticas disponíveis em plataformas *on-line* de periódicos argentinos e brasileiros, de grande circulação e/ou relevância no contexto histórico desses países, tais como *Clarín*, *La Nación*, *Página 12*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*⁸.

Embora, em 2016, a Argentina já estivesse sob o macrismo⁹, pareceu-nos interessante comparar o momento pré-golpe que o Brasil se encaminhava em 2015/2016, por meio de manifestações eclodindo em vários cantos do país, com os *cacerolazos* que nossos vizinhos do Cone Sul haviam vivenciado há apenas cerca de três anos antes. Com isso, surgiu a proposta de realização de comparação entre as duas discursividades em que tais práticas discursivas se deram e, a partir disso, pensamos em deslocá-las para o contexto do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no âmbito da formação docente. Nosso intuito, com isso, é pensar a comparação de tais práticas discursivas a partir do lugar de professor de LE, capturando este entremedio tensivo, ocasionado pelo processo de (res)subjetivação, que se dá por meio da mobilização de discursividades da LM e da LE.

Diante do exposto, reiteramos nossa proposta de transposição das práticas discursivas do *cacerolazo* e do panelaço para o âmbito da formação docente por meio do seguinte questionamento: por que interessa aos licenciandos tal debate sobre as manifestações? Entendemos que a abordagem deste contexto sócio-histórico contribui para a formação crítica do docente de línguas enquanto um sujeito que é inherentemente político. Sendo assim, abarcar um recorte do contexto sócio-histórico da Argentina e do Brasil por meio das práticas discursivas do *cacerolazo* e do panelaço oportuniza devolver ao linguístico sua intrínseca historicidade; enseja a reflexão das relações entre os níveis intra- e interdiscursivo, ou seja, entre (o fio d)a língua(gem) e sua exterioridade

⁸ Contudo, no presente artigo, conforme já foi explicitado anteriormente, refletimos sobre produções escritas geradas a partir da comparação de reportagens jornalísticas relativas ao argentino *Clarín* e ao brasileiro *Folha de S. Paulo*.

⁹ O macrismo é um movimento político argentino, vinculado à figura de Mauricio Macri, que foi prefeito da Cidade Autônoma de Buenos Aires (2007-2015) e presidente da República da Argentina (2015-2019). O movimento está organizado centralmente no partido *Propuesta Republicana* (conhecido comumente como Pro), cuja ideologia se filia ao conservadorismo e (neo)liberalismo econômico de centro-direita, além de se vincular a um populismo de direita. O macrismo conta ainda com forte apoio de grupos empresariais, como a *Sociedad Rural Argentina*.

(constitutiva), conferindo à formação de professores sua responsabilidade intelectual, social e política.

| Análises discursivas

A análise das produções textuais que iniciamos por ora é resultante da aula que ministramos para sensibilização em relação aos discursos jornalísticos sobre o *cacerolazo* argentino e o *panelaço* brasileiro, conforme já aludimos na seção anterior. Sendo assim, a finalidade de dita proposta de atividade era mobilizar uma análise comparativa dos discursos, motivando assim as produções escritas das licenciandas. Desse modo, solicitamos¹⁰ ao grupo que produzisse textos comparando as reportagens argentina e brasileira. Com relação às categorias de análise, examinaremos de que modo os sujeitos observam o funcionamento do interdiscurso e do intradiscurso nos textos em língua materna e em língua estrangeira, analisando a inscrição deles em dadas formações discursivas, que os conduzem, assim, a determinados efeitos de sentido.

Para analisar os gestos de escrita das alunas da licenciatura, mobilizamos o conceito de “ressonância enunciativa” (Serrani, 2010) que concerne a dados traços linguístico-discursivos que ecoam, erigindo a interpretação de uma ideia prevalente. Também adotamos a noção de “evidência discursiva” (Mariani, 2016), entendida como um processo de naturalização que contribui para a estabilização dos sentidos, remetendo deste modo à produção de estereótipias, imaginários e idealizações que se cristalizam em dada prática discursiva. Dentre as regularidades apreendidas por meio dos gestos de escrita discentes podemos destacar duas mais gerais, mediante as seguintes formulações: (1) criação de polaridades e dicotomias, que se materializam através de oposições rígidas e/ou absolutas, ao colocar os dois textos em perspectiva comparada; e (2) atravessamento do sujeito pela memória na LM e silenciamento desta na LE.

Com relação à primeira regularidade, realçamos determinadas formulações que conduzem às seguintes evidências discursivas: “o *cacerolazo* argentino é mais pacífico e mais organizado” enquanto “o *panelaço* brasileiro é menos pacífico, menos organizado (e mais agitado)”; “o *cacerolazo* é mais unido, unificado, é da família”, ao passo que “o *panelaço* é mais plural, diversificado. Vejamos

10 Enunciado da questão: “Partindo da leitura e interpretação de textos jornalísticos que abordam manifestações que ficaram conhecidas como *cacerolazo*, na Argentina, em 2013, durante o governo de Cristina Kirchner, e *panelaço*, no Brasil, em 2015, durante o governo de Dilma Rousseff, realize uma análise comparativa de tais textos, mostrando a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, isto é, o nível da constituição discursiva e o nível da formulação enunciativa”.

recortes das produções escritas da turma¹¹, a partir das sequências discursivas (SD) seguintes:

(SD1): “O texto brasileiro [*rasura*] é uma notícia sobre o panelaço e traz **vários** discursos de pessoas que foram às manifestações, ainda que motivados de forma **diferente** [...] A publicação argentina, por sua vez, focalizou principalmente no **estado de espírito** dos manifestantes que, declaradamente **pacíficos**, fizeram da manifestação **um evento de cunho familiar** [...] se percebe nas formulações enunciativas do jornal [*rasura*] *Folha de São Paulo* discursos que dizem respeito a posições **divergentes** frente ao governo, com imagens que refletem uma movimentação **mais agitada**”.

(SD2): “Pode-se observar que na reportagem do jornal *Folha de São Paulo* o enfoque é que **não só** membros da classe A e da “elite branca” do Brasil fazem parte da manifestação contra o governo Dilma, **mas também** pessoas de classes inferiores e não pertencentes a elite [*sic*] lutam a favor do *impeachment* de Dilma. Já na reportagem do jornal argentino *Clarín*, que trata do “cacerolazo” que ocorreu no dia 18 de abril, enfatiza a presença de **famílias completas** (inclusive crianças e mulheres grávidas) na manifestação, demonstrando **o caráter pacífico** do protesto e o envolvimento de gerações distintas na reivindicação dos direitos”.

(SD3): No jornal *Folha de S. Paulo*, temos uma reportagem que se trata sobre o “panelaço”, em 2015, durante o governo de Dilma Rousseff [...] o texto está formulado a partir de falas de **outras** pessoas que apóiam ou não o *impeachment* da presidente Dilma. Também há a utilização de discursos de pessoas de **diferentes** classes sociais para construir a idéia de que **não é só** determinada classe social que está insatisfeita [*sic*] com o governo atual [...] No jornal *Clarín*, [...] se trata sobre o [*rasura*] “cacerolazo”, em 2013, [*rasura*] durante o governo de Cristina Kirchner [*sic*] [...] [É] observado que a ~~visão de~~ construção da visão das pessoas que frequentaram o “cacerolazo” foram **somente famílias bem estruturadas**, [...] Assim como também mostra as manifestações da Argentina como **mais organizadas e pacíficas** que as do Brasil.

11 Salientamos que todos os negritos constituem grifos nossos e que transcrevemos as produções escritas tais quais foram redigidas, isto é, com suas rasuras e eventuais desvios em relação à norma padrão. Conforme já foi explicitado anteriormente, trabalharemos, neste artigo, por motivos de limitação deste gênero acadêmico, com análises de alguns fragmentos linguísticos. Portanto, para ter acesso às 11 redações na íntegra dos sujeitos pesquisados, bem como à reprodução do enunciado da proposta de atividade comparativa, confira o seguinte link: https://drive.google.com/file/d/1cFv6Iu1yxKQ-SOpnXZhW78c_UZUakdM/view?usp=sharing.

Nas sequências discursivas exibidas acima, podemos observar a ressonância de certos significantes, tais como: “(mais) pacíficos(as)” e “(mais) organizada(s)/ organizado(s)”, indicando evidências que promovem um corte discursivo entre a manifestação argentina e a brasileira, as quais se materializam em meio a dicotomias e polaridades, que se dão também por não ditos, ao produzirem determinadas formulações no contexto argentino e silenciarem no contexto brasileiro, estabelecendo uma relação antagônica [formulações que podem ser expressas, por exemplo, como “cacerolazo é mais X, é mais Y” (e panelaço: “silêncio/vazio”)]. Sendo assim, na cadeia discursiva referente ao *cacerolazo* ecoam enunciados que o recriam como “mais unificado”, “mais organizado e mais pacífico”, ao passo que o panelaço é recriado enquanto uma manifestação “mais agitada” (e, assim, em meio a não ditos, menos pacífica e menos organizada), materialização que aparece, por exemplo, na SD1.

Formulações enunciativas tais como “vários”, “diferentes”, “divergentes”, “outras”, além de formulações aditivas (“não só X, mas também Y”; “não é só X...”, que aparecem na SD2 e na SD3, respectivamente) ecoam e se repetem nas redações discentes gerando um efeito de sentido que concebe o panelaço como mais diversificado e heterogêneo em relação à manifestação argentina. Deste modo, mobilizando cadeias dicotômicas, os sujeitos constroem o *cacerolazo* argentino como uma evidência de “unidade” e de “pacifismo”, por meio de formulações como “estado de espírito dos manifestantes” (SD1), ao passo que o panelaço brasileiro, ao romper discursivamente com esse “pacifismo” e “unidade” é recriado como “uma movimentação mais agitada” (SD1). Essa evidência de pacifismo e organização constituída no contexto do *cacerolazo* se dá pela filiação à formação discursiva da família tradicional, discursividade que atravessa fortemente os sujeitos e que se materializa através dos enunciados: “um evento de cunho familiar” (SD1); “famílias completas” (SD2); “somente famílias bem estruturadas” (SD3), dentre outras formulações que aparecem ao longo das redações das estudantes.

No que tange à regularidade (2), que enunciamos mediante a formulação geral – atravessamento do sujeito pela memória na LM e silenciamento desta na LE – podemos desdobrá-la em duas tendências. Estas podem ser compreendidas como: (2.1) materialização de enunciados já-ditos na LM e vagueza e/ou silenciamento destes na LE; e (2.2) materialização de posicionamento crítico-reflexivo na LM e ausência e/ou indeterminação de tal postura na LE. Comecemos pelo exame de tal regularidade pela tendência (2.1), através da observação de fragmentos das redações discentes, a partir das sequências discursivas (SD) mostradas a seguir:

(SD4):“A perspectiva adotada no jornal argentino evidencia uma constituição discursiva que [rasura] se conecta com a **memória** de manifestações **pouco ou nada pacíficas** [...] [Sobre as manifestações brasileiras] Com os discursos que propõem a intervenção militar podem ser resgatadas **memórias sobre a ditadura militar** [...] [rasura] Essas memórias apontam para uma observação do que se esperava do governo”.

(SD5): “Nesse sentido, os interdiscursos na reportagem do jornal *Clarín* são os interdiscursos que valorizam **a democracia, o bem estar familiar e com uma ideologia nacionalista, com o livre direito a manifestação do pensamento e crítica ao governo**. Já [n]a reportagem do Jornal *Folha de São Paulo* [...] essas ideologias presentes nos remetem **a fatores históricos como a ditadura** [...], ideologias neoliberais, ideologia nacionalista e várias mesclas interdiscursivas que sustentam e permeiam esses discursos presentes nesta reportagem”.

(SD6): “[Sobre as manifestações brasileiras] Do texto, pode-se observar que as formações discursivas que aparecem fazem com que o leitor tenha que acessar em sua **memória outros discursos já-ditos**, como, por exemplo, sobre o que foi **a ditadura militar no Brasil**, ou sobre **as ideologias políticas contidas nos partidos de direita e de esquerda**, saber como **o sistema de classes sociais é problematizado dentro da política**, assim como a campanha de outros políticos [...] No jornal *Clarín* [...] o texto compõe **outros interdiscursos como discursos já-ditos sobre o que foi o 18A, sobre o governo da presidente ou sobre a concepção de família na Argentina.**”

Podemos observar nas sequências exibidas anteriormente, com relação ao contexto do panelaço brasileiro, a ressonância de dadas formulações, tais como “memória sobre a ditadura militar” (SD4); “fatores históricos como a ditadura” (SD5); e, por fim, “ideologias contidas nos partidos de esquerda e de direita” (SD6). Tais formulações materializam enunciados já-ditos que evidenciam o atravessamento dos sujeitos pelo interdiscurso na língua materna, ou seja, no contexto do panelaço brasileiro. Deste modo, a memória da ditadura cívico-militar, que perdurou no país por cerca de 20 anos (1964-1985), bem como o clima de polarização, ancorado na divisão entre petismo *versus* antipetismo, que dominou o cenário das manifestações de 2015 no Brasil, funcionam como discursos que perpassam os sujeitos de maneira explícita.

No tocante ao atravessamento do sujeito pelo interdiscurso no contexto do cacerolazo argentino, notamos ressonâncias de determinadas formulações que evidenciam uma vagueza e/ou silenciamento dessa dimensão na LE. Desta

maneira, no que tange ao diálogo com o interdiscurso na língua estrangeira, a graduanda da SD4 relata que o *cacerolazo* argentino “se conecta com a memória de manifestações pouco ou nada pacíficas”. Sendo assim, em uma tentativa de recuperação de enunciados já-ditos no contexto da LE, a licencianda cria uma relação de oposição entre os níveis intradiscursivo e interdiscursivo, ao materializar que a manifestação argentina é “mais pacífica e mais organizada”, por meio da exploração da cadeia efetivamente formulada do dizer, para em seguida concluir, de maneira vaga e generalizada, na direção oposta, argumentando que tal protesto remete à memória de manifestações “pouco ou nada pacíficas”, comportando-se esta última formulação enquanto um intento de diálogo com o nível interdiscursivo.

Outras formulações, tais como, “interdiscursos que valorizam a democracia, o bem estar familiar” (SD5) e “outros interdiscursos como discursos já-ditos sobre o que foi o 18A, o governo da presidente ou a concepção de família na Argentina” (SD6) evidenciam um forte ecoar do significante “interdiscurso”, parecendo-nos desvelar que quantos mais os sujeitos repetem os termos teóricos de maneira metalinguística, menos adentram no funcionamento do discurso, concebendo o entorno da língua estrangeira de maneira vaga e indeterminada.

Deste modo, o(s) “(outro)s “interdiscurso(s) e discursos já-ditos”, formulações tão mencionadas pelas graduandas, se referem, na realidade, à cadeia intradiscursiva, isto é, à superfície linguístico-discursiva efetivamente formulada no texto, na qual são materializados discursos sobre democracia, família, manifestação do 18A, dentre outros, havendo, desta maneira, um silenciamento subjetivo em relação ao atravessamento pelo nível interdiscursivo, através da não recuperação de enunciados antecedentes, que, assim, estabeleçam diálogo com a dimensão do intradiscursivo.

Passemos, por ora, a refletir sobre tal regularidade a partir de sua tendência (2.2) na qual se observa, enquanto atravessamento do sujeito pelo interdiscurso, a materialização de um posicionamento crítico-reflexivo na LM e uma ausência e/ou indeterminação de tal postura na LE. Examinemos os trechos das produções escritas da turma investigada, por meio das sequências discursivas exibidas a seguir:

(SD7): “Os textos se contrapõe [sic] em vários aspectos, a começar pelo título, o *Clarín* coloca a manifestação como um programa familiar, praticamente um “passeio de domingo”, já a *Folha* coloca a manifestação do Brasil, como uma “unificação de opiniões” entre o pobre e o rico. Outra questão importante a ser colocada é a **diferença de intenção** entre os manifestantes: a *Folha* faz uma reportagem em que mostra uma manifestação pelo *impeachment* contra Dilma, ou seja, **a intenção é tirar a Dilma do governo**. Já no *Clarín* **a intenção é defender a Argentina**, sobretudo **a família argentina** [...] Percebi na *Folha* uma reportagem **bastante manipuladora** com o intuito de demonstrar que não era somente a elite que pedia a saída de Dilma. E no *Clarín* uma tentativa de demonstrar que era **uma manifestação de “família”**.

(SD8): “A notícia sobre o “panelaço”, trazida pelo jornal *Folha de S. Paulo*, se mostra **tendenciosa** pois pega **casos isolados de minorias** (o **negro, pobre**, de 18 anos e o **pernambucano**, morador da Cohab, por exemplo) para representar **todo o povo brasileiro** como se todos fossem a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff [sic]. [...] Já o “cacerolazo”, na notícia do jornal “*El Clarín*” [sic], aparece como um movimento **mais unificado**, em comparação ao “panelaço”, pois não se fala em **partidos**, ou seja, é **um real interesse nacional pela mudança do país** [...] Nota-se, então, a **positivação** do movimento, mencionando a **família** [...] o que nos levar a crer que foi um **movimento pacífico, organizado**, de pessoas que vieram de vários lugares, não para pedir a saída da presidente, Cristina Kirchner, ou de algum partido, mas sim pedir **transparência** do governo [...] que haja uma **real** mudança, **visando um futuro melhor para todos**”.

(SD9): No âmbito do *intradiscourse* intradisco, da escolha vocabular [...], o texto da *Folha* começa com um título **extremamente tendencioso** que nos remete a uma **contradição** no que as pessoas pensam sobre “**quem está contra o governo Dilma**”. Ao escolher esta fala aumenta para as classes mais populares a quantidade de apoiadores da saída de Dilma. A *Folha* tenta desmistificar a idéia de que todos os “pobres” estão com o PT [...] O texto do *Clarín*, **por outro lado**, se apresenta como uma **mera descrição** de como a manifestação se desenrolou. Comenta sobre as críticas que foram feitas e dos motivos de levar o povo às ruas, mas o enfoque se dá **na união de diversas famílias** por uma Argentina sem corrupção. Bandeiras não são levantadas no texto [...] É possível concluir que a intenção discursiva do texto da *Folha* é **levantar críticas**, tanto sobre a Dilma e seu governo [...] O texto do *Clarín* apresenta mais sobre como as manifestações podem ser **pacíficas** e como a **união familiar** pode ser benéfica para a luta contra a corrupção.

De acordo com as SDs expostas, podemos observar, em relação ao contexto do panelaço brasileiro, o ecoar dos seguintes enunciados: “a reportagem da *Folha* é bastante manipuladora”, “a intenção é tirar a Dilma do governo” (SD7); “a notícia do panelaço se mostra tendenciosa” (SD8); e por fim “o texto da *Folha* começa com um título extremamente tendencioso”, “a intenção discursiva do texto da *Folha* é levantar críticas tanto sobre Dilma e seu governo” (SD9). Percebemos, assim, por meio da repetição dos significantes “tendenciosa” e “manipuladora”, com suas graduações de intensificadores (“bastante” e “extremamente”), um atravessamento dos sujeitos pelo nível da memória discursiva no contexto do panelaço brasileiro que materializa seus posicionamentos crítico-reflexivos, conduzindo a efeitos de sentido de que o jornal brasileiro estaria impregnado de uma intenção manipulatória maior (em relação ao periódico argentino), que seria criticar, em sentido negativo, e ser contra o governo e a presidente, sentido este que podemos recuperar inclusive através dos não ditos, uma vez que as graduandas colocam os textos em perspectiva comparada.

A licencianda da SD9 materializa o atravessamento pela memória na língua materna por meio da formulação “contradição” para aludir aos já-ditos que relacionam os governos de esquerda (como os governos petistas de Lula e Dilma) e os grupos étnico-raciais historicamente discriminados na sociedade (como no caso do texto, em que são citados o negro, o pobre e o nordestino). Desta maneira, através do enunciado –“o texto do *Folha* [...] nos remete a uma contradição no que as pessoas pensam sobre quem está contra o governo Dilma [pois] ao escolher esta fala aumenta para as classes mais populares a quantidade de apoiadores da saída de Dilma” – a graduanda recupera enunciados já-dados e pré-construídos no contexto da língua materna e, a partir disso, emite seu posicionamento crítico-reflexivo, ao concluir que o texto brasileiro é “extremamente tendencioso”, uma vez que a narrativa jornalística promove uma ruptura discursiva destes enunciados já-dados, isto é, promove uma desvinculação entre as minorias de poder e os governos de esquerda filiados à discursividade do populismo¹², construindo o efeito de sentido de que toda a população está contra o governo.

No que concerne ao contexto do cacerolazo argentino, foram apreendidas determinadas formulações, tais como: “no Clarín a intenção é defender a Argentina, sobretudo a família argentina”, “uma manifestação de ‘família’” (SD7); “o cacerolazo aparece como movimento mais unificado”, “é um real interesse nacional pela mudança do país” (SD8); e, por fim, “o texto do Clarín, por outro

12 Para ter conhecimento da discussão referente ao atravessamento do discurso jornalístico pelo discurso populista na (re)criação das manifestações contemporâneas relativas ao cacerolazo argentino e ao panelaço brasileiro, cf. Andrade e Marinho (2020).

lado, se apresenta como uma mera descrição de como a manifestação se desenrolou”, “o enfoque se dá na união de diversas famílias”, “manifestações pacíficas e união familiar” (SD9).

Conforme pudemos notar, o reverberar de dadas formulações na concepção do *cacerolazo* argentino – como, por exemplo, o entendimento de que o jornal faz uma “mera descrição” (SD9) da manifestação – contribuem para a construção de um sentido de que a reportagem argentina seria “mais neutra”, opondo-se, por uma relação de não dito, à noção de “menos neutra” que estaria pressuposta em relação ao contexto do panelaço brasileiro ao ser qualificado como “manipulador” e “tendencioso”. Tais formulações sinalizam a produção de um efeito de sentido que recria as manifestações argentinas como uma evidência de uma transparência de língua(gem).

Esta ilusão de “neutralidade”, que se inscreve em uma cadeia discursiva de “transparência”, “organização”, “atenuação”, “união” e “pacifismo”, é gerada pela filiação à discursividade da família tradicional, que atravessa predominantemente as redações do grupo, conforme pudemos observar nas sequências destacadas anteriormente. Tal atravessamento pelo discurso da família pode ser evidenciado ainda na estudante da SD8 que concebe o *cacerolazo* argentino como “um real interesse nacional”. Esta evidência de “realidade” é construída também pela menção à família, instituição que a licencianda afirma conferir “uma positivação do movimento”. A partir disso, o sujeito produz dadas formulações enunciativas para descrever o *cacerolazo* argentino, a saber: “[é um desejo de todas as pessoas] que haja uma real mudança, visando um futuro melhor para todos, principalmente as crianças [que são] o futuro da nação”. Dialogando com o texto brasileiro, através da retomada de enunciados já-ditos inscritos na memória, o sujeito defende, por outro lado, que as manifestações não são de todos, mas de uma parcela que está contra a presidenta e o seu partido político. Em um movimento discursivo diferente, a licencianda da SD8 ao refletir sobre o contexto argentino, argumenta que os manifestantes “não vieram para pedir a saída da presidente, Cristina Kirchner, ou de algum partido”, mas sim “transparência do governo”, uma vez que a manifestação expressa “uma real mudança visando um futuro melhor para todos” – formulações que produzem efeitos de evidências de “totalidade”, “verdade” e “unidade”. Assim, ao defender que as manifestações argentinas são “reais”, a licencianda alude a um “não real”, um não dito que pode ser inferido em relação ao contexto brasileiro.

| Tecendo reflexões: diálogos com a (inter)discursividade...

As regularidades apreendidas nos propiciam algumas reflexões. No que diz respeito à regularidade 1, enunciada como “criação de polaridades e dicotomias”, percebemos um movimento dos sujeitos, ao realizarem a comparação entre os textos, de promoverem leituras polarizadas, ao serem atravessados pelas representações de “unidade” e “pluralidade”, “mais organização” e “menos organização”, dentre outras, construídas pelas esferas jornalísticas em cada contexto, que acabam por conceber cada manifestação como se fossem “verdades absolutas”, estabelecendo, assim, oposições rígidas e/ou completas entre as manifestações, sem haver, deste modo, uma desconstrução e/ou uma desestabilização destas construções jornalísticas. Quando há tentativas nesta direção – de questionamento – isso fica restrito ao entorno da língua materna. Parece-nos que, ao colocar os dois contextos em perspectiva comparada, os sujeitos procuram oposições absolutas, o que se materializa mediante a produção de dicotomias explícitas.

No tocante à regularidade 2, é expressivamente notável o atravessamento do sujeito da enunciação pela memória discursiva na língua materna, seja pela retomada de enunciados já-ditos (conforme sinalizamos na tendência 2.1), seja pela materialização de posicionamentos crítico-reflexivos com relação ao panelaço brasileiro (conforme sinalizamos na tendência 2.2). Já com relação ao contexto da LE, há produção de estereótipias e imaginários que recriam a manifestação a partir de evidências de neutralidade e de realidade, como se houvesse uma transparência da linguagem. Deste modo, há silenciamentos tanto de enunciados já-ditos, que atravessam a materialidade linguístico-discursiva no texto argentino, como de posturas crítico-reflexivas que desvalem uma apreciação valorativa no que se refere ao contexto do *cacerolazo*.

Desta forma, no texto argentino, não há materialização de enunciados já-ditos inscritos na memória argentina, tais como, o histórico etnocentrismo de Buenos Aires de se representar como toda a nação argentina, frente às demais províncias, bem como seu protagonismo no que tange aos *cacerolazos*, que assumiram historicamente diferentes efeitos de sentido. Assim, as práticas discursivas do *cacerolazo* já funcionaram enquanto símbolos em favor da democracia, no contexto da ditadura militar argentina, na década de 1970 e 1980, assim como protestos das donas de casa na *Plaza de Mayo*, simbolizando as panelas vazias no contexto do *corralito*, que imputava o confisco às contas bancárias, no governo de Fernando De la Rúa, no começo dos anos 2000. Tal época inclusive foi quando a crise econômica e política desencadeou uma crise

de representatividade por partes dos argentinos, gerando certo movimento discursivo de “demonização” da esfera política, manifestado sob enunciados de “protestos anti-políticos”, nos quais a formulação enunciativa *;Que se vayan todos, que no queden ni un solo!* constitui um já-dito que retoma essa cadeia parafrástica, produzindo um cenário de instabilidades.

Além destes enunciados, que estão disponíveis no interdiscurso do contexto sociopolítico argentino, também podemos destacar pré-construídos que retomam a relação tensiva e conflitante entre governos de esquerda, filiados à formação discursiva do populismo – o qual exemplificamos o kirchnerismo, representado por Néstor e Cristina Kirchner, vinculados ao Partido Justicialista, que é o governo institucional vigente no âmbito das manifestações de 2013 – e as classes média e alta, sobretudo a elite portenha, tradicionalmente de inclinação (neo)liberal e cosmopolita, e, portanto, contrária às políticas de vertente nacionalista. O kirchnerismo, deste modo, enquanto continuador da cadeia discursiva do primeiro peronismo, representa um governo de aproximação com as massas, sobretudo as classes mais desprivilegiadas, promovendo políticas de inclusão social. Ademais, Cristina Kirchner, detentora de uma figura de líder populista confrontadora, militante e irônica, durante seus dois mandatos presidenciais (2007-2011 e 2011-2015), travou diversas batalhas com determinados setores, tais como, o campo (os ruralistas), o sindicalismo e também a imprensa – esta última propulsora de um cenário cada vez mais dicotômico, que pode ser materializado por meio do racha discursivo *los k versus los anti k*, para se referir aos adeptos do kirchnerismo e do antikirchnerismo, respectivamente. A partir desta conjuntura, as manifestações de 2013, no contexto do cacerolazo argentino, tiveram um perfil que denota geralmente setores das classes média e alta do país, identificadas a partir do enunciado “capas medias y altas porteñas”, que, assim, estavam insatisfeitas com as políticas kirchneristas.

Mediante o exposto, percebemos nas licenciandas brasileiras participantes de nossa investigação uma atenção voltada para o nível intradiscursivo por meio da exploração da superfície linguístico-discursiva efetivamente formulada na cadeia horizontal do dizer, tanto no texto brasileiro quanto no argentino. No que tange às relações interdiscursivas, no eixo vertical de constituição do discurso, podemos observar uma leitura muito mais crítica em relação ao texto em português brasileiro, visto que as licenciandas neste caso relacionavam os enunciados efetivamente formulados a outros enunciados e já-ditos na base do dizível, acessando assim a memória discursiva. Em relação ao texto em espanhol argentino, por sua vez, observamos indeterminações e silenciamentos, não se

promovendo assim um diálogo entre os enunciados efetivamente formulados e outros enunciados antecedentes ou com diferentes instâncias do discurso.

Esta tendência de não atravessamento pela memória discursiva relacionada ao contexto sócio-histórico argentino parece-nos sinalizar que o sujeito mostra-se crítico e questionador apenas no que tange ao seu entorno sócio-histórico, nas condições de produção que concernem à sua LM, que é o lugar do qual se fala e se enuncia, permanecendo o âmbito da língua estrangeira como o lugar do Outro, o qual não se questiona e não se critica, criando-se a evidência de que o texto argentino é “neutro”, desprovido de ideologias e intencionalidades, como se fosse “apenas uma descrição da manifestação, o real, tal como ela foi” – apenas para representarmos parafrasticamente formulações enunciativas que ecoaram em várias produções discentes – ao passo que o texto brasileiro é apontado como “manipulador, tendencioso e com intenção de criticar a Dilma e o PT”. Como se as duas reportagens não estivessem atravessadas por diversas formações discursivas, bem como estratégias de seleção e interdição jornalísticas.

Refletimos assim que algo relacionado ao processo de formação docente dos licenciandos em Letras Português/Espanhol não tem propiciado a eles uma maior mobilização da memória discursiva no ato de interação com os textos em espanhol, o que faz com que o espaço estrangeiro seja, na maioria dos casos aqui, contemplado sob a evidência de um território de pacifismo, passividade, idealizações e estereotipias, como se fosse um espaço de transparência, isentando-se dos questionamentos e criticidade que, como vimos, o diálogo com outros enunciados relacionados ao texto argentino poderia propiciar.

Por fim, é possível refletir, ainda, que o sujeito (se) significa através das discursividades que constituem sua língua e, deste modo, a partir da comparatividade, tomando como parâmetro as malhas sócio-históricas das e nas subjetividades maternas, o enunciador significa as discursividades do outro. Sendo assim, concordamos que

[...] mesmo tendo um bom domínio da língua outra na [e sobre a] qual enunciam, estes sujeitos continuam se significando em relação à forma-sujeito na qual se constituíram como falantes de sua própria língua, movimento este de identificação que deixa suas marcas nas formulações (Zoppi-Fontana; Celada, 2005, n.p.).

Portanto, no tocante ao contexto da língua estrangeira, nos parece que as formulações linguístico-discursivas que atravessam o intradiscurso mostram-

se mais sensíveis à turma da licenciatura, havendo, por outro lado, um silenciamento em relação ao nível interdiscursivo, isto é, à dimensão que concerne ao saber discursivo nesta língua.

| Considerações finais

O objetivo deste artigo foi examinar, através de uma perspectiva comparada, os modos de enunciar de licenciandos brasileiros em Letras em discursividades relativas ao Português/Língua Materna e ao Espanhol/Língua Estrangeira considerando o contexto sociopolítico do Brasil e da Argentina no tocante às manifestações conhecidas como panelaço e *cacerolazo*, respectivamente. Para tanto, os sujeitos deveriam produzir redações a partir da leitura e interpretação de materialidades linguístico-discursivas que versavam sobre reportagens jornalísticas no contexto dos eventos supracitados. A fim de concretizar nossa proposta, examinamos fragmentos referentes às produções escritas das discentes mediante sequências discursivas mobilizando um dispositivo analítico ancorado na teoria de discurso de extração pecheutiana. Em tal dispositivo, abordamos noções basilares trabalhadas na AD, tais como, formações discursivas, memória discursiva, intradiscurso e interdiscurso, além da mobilização de alguns postulados lacanianos provenientes do terreno da psicanálise, com o intuito de refletir acerca dos movimentos subjetivos apreendidos nos gestos de escritas da turma investigada.

Ao analisarmos os gestos subjetivos capturados nas redações, podemos observar o funcionamento do sujeito do inconsciente, apreendido em sua dispersão nas brechas da enunciação. Sendo assim, ao examinarmos os discursos das graduandas acerca do panelaço brasileiro e do *cacerolazo* argentino, pudemos observar que o sujeito se mostra interpelado pela ideologia, realizando identificações simbólicas/imaginárias com a língua materna através de formas de enunciar crítico-reflexiva. Já ao adentrar o universo da língua estrangeira, o sujeito realiza modos de identificação simbólica/imaginária destacadamente diferentes em relação aos da língua materna, permanecendo, através de não ditos e silenciamentos, num território de idealizações e estereotipias.

Desta forma, ao se assujeitar ao simbólico desta LE, o sujeito acaba por realizar identificações imaginárias (referentes à imagem que produzem desta língua) muito atravessadas por relações idealizadas e estereotipadas, que, assim, não promovem modos crítico-reflexivos de se enunciar. Em síntese, como regularidades gerais que atravessam as produções escritas relativas às atividades comparativas, identificamos: (1) a criação de polaridades e dicotomias, que se materializam através de oposições rígidas e/ou absolutas,

ao colocar os dois textos em perspectiva comparada; (2) o atravessamento do sujeito pela memória na LM e o silenciamento desta na LE. Esta segunda regularidade se explicita pela tendência à materialização de enunciados já-ditos no contexto da língua materna e, por outro lado, pelo predomínio de vagueza e/ou silenciamento destes na língua estrangeira, como observado na tendência (2.1). Também examinamos aí a tendência à materialização de posicionamento crítico-reflexivo na LM e ausência e/ou indeterminação de tal postura na LE, como observado na tendência (2.2). Sendo assim, ao se silenciar a dimensão do interdiscurso no que tange à memória relacionada ao contexto histórico argentino, não se promovem questionamentos, problematizações, tampouco possíveis desestabilizações – não se avançando para uma polissemitia, optando-se, pois, por uma reprodução em forma de paráfrase, isto é, produzindo-se como evidência de “verdade” as representações discursivas promovidas pela esfera jornalística que atravessam a materialidade verbal – tais como, unidade na manifestação, manifestação de toda a Argentina, manifestação da família e da moral, manifestação pela liberdade, democracia, etc. – e contribuindo-se assim para a ilusão da naturalização dos sentidos, bem como hegemonização de estereótipos no universo da LE, que permanece como uma língua do outro, artificial e distante.

Salientamos, entretanto, que ambos os textos jornalísticos se inscrevem no contexto de manifestações públicas protagonizadas, sobretudo, pelas classes médias – conhecidas pelos enunciados “capas medias y altas porteñas” e “elite branca”, no contexto argentino e brasileiro, respectivamente – contra governos filiados à formação discursiva do populismo. Desta maneira, tanto a reportagem argentina quanto a brasileira criticam – por meio de construções discursivas que encetam dicotomias, tais como, “povo” unificado *versus* governo “inimigo” – governos esquerdistas vigentes à época, como o kirchnerista, sob liderança de Cristina Kirchner, em 2013, e o petista, sob liderança de Dilma Rousseff, em 2015.

Chama-nos a atenção, portanto, a relação dos sujeitos com o interdiscurso nas produções escritas analisadas. Parece-nos que, quanto mais inconsciente se estabelece tal relação, mais explicitamente os sujeitos são atravessados pelo nível da memória. Ou seja, nas produções escritas relativas ao contexto do panelaço brasileiro, mesmo nos casos em que os sujeitos não materializam a formulação “interdiscurso”, as licenciandas se mostram talvez inconscientemente atravessadas pela dimensão da memória, uma vez que materializam enunciados já-ditos e posturas crítico-reflexivas. Já no contexto do cacerolazo argentino, quanto mais as graduandas parecem demonstrar consciência, aludindo insistente, de maneira metalingüística, à noção

de “interdiscurso”, menos parecem efetivamente atravessadas pela dimensão da memória, silenciando em relação à materialização de já-ditos no contexto sociocultural argentino e esquivando posicionamentos crítico-reflexivos. Em síntese, entendemos que

[...] o sujeito é, assim, fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade (Coracini, 2003, p. 203).

Isso nos demonstra que o deslocamento do sujeito da enunciação no (inter)discurso se dá de maneira contínua e gradual, sem prever uma chegada linear e completa, e desta forma, para que haja inscrições na ordem do simbólico da língua, é primordial que se estabeleçam interações orais e escritas com o universo da LE. Sendo assim, podemos entender que o processo de formação de professores nos cursos de licenciatura em Letras Português/Espanhol (ou Letras Espanhol) no Brasil precisa continuar avançando no âmbito do desenvolvimento de práticas formativas que estimulem e criem condições de interação para que os sujeitos (licenciandos) possam cada vez mais assumir uma vontade de identificação com a língua estrangeira e simultaneamente realizar tentativas de identificação simbólica/imaginária que permitam ao professor em formação inicial enunciar-se “como sujeito da língua, conseguindo (se) dizer” (Celada; Payer, 2016, p. 35).

Agradecimentos

A autora é Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN), Faculdade de Letras, UFRJ, e Bolsista FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000295/2024.

Referências

ANDRADE, A.; MARINHO, P. Discurso populista em construções jornalísticas acerca do cacerolazo argentino e do panelaço brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 59, p.1087-1116, 2020.

ANDRÉ, M. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.

CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Notas para uma agenda. In: CELADA, M. T.; PAYER, M (org.). **Subjetivação e processos de identificação**. Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 17-42.

CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, p. 201-220, 2003.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1969].

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (org.). **Teorias Linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34.

MAINARDES, J.; CARVALHO, I. C. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em educação. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd (org.). **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. p. 206-212.

MARIANI, B. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos? **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 38, p. 43-63, 2016.

MARINHO, P. A construção discursiva de textos jornalísticos na abordagem do “panelaço” brasileiro e do “cacerolazo” argentino. **Caracol**, São Paulo, n. 21, p.1172-1203, 2021.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. São Paulo: Ponte, 2000.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2012.

PIMENTA, S. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005.

REVUZ, C. A língua estrangeira: entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

SERRANI, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997.

SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua.** Exemplos em português, espanhol e inglês. São Paulo: Pontes, 2010.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; CELADA, M. T. Processos de subjetivação e resistência na enunciação em língua estrangeira: o lugar do outro nas discursividades argentina e brasileira. *In: Atas da Reunião Anual da SBPC*, Fortaleza, 57^a, 2005.

Como citar este trabalho:

MARINHO, Priscila. Memória e silêncio: (inter)discursos de licenciandos brasileiros em Letras sobre o cacerolazo argentino e o panelaço brasileiro. **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 192-219, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 10/12/2024.